

COLEÇÃO  MISTÉRIO JUVENIL

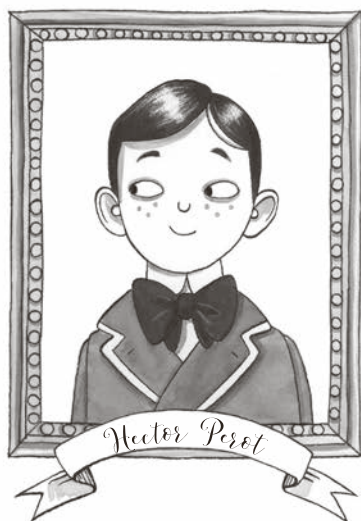
AGGIE MORTON

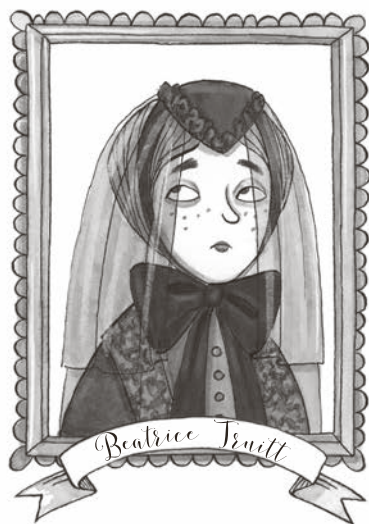
A RAINHA DO MISTÉRIO

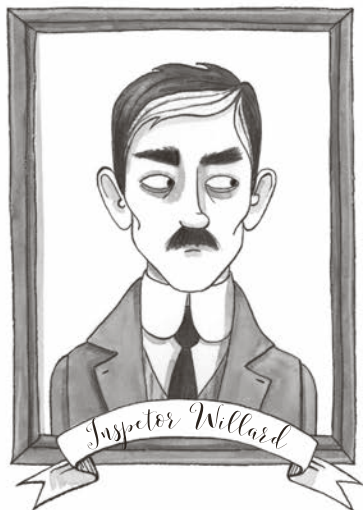
PERIGO NO PARQUE DAS CORUJÁS

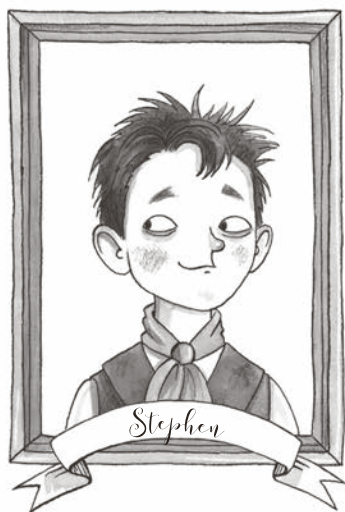


MARTHE JOCELYN
ISABELLE FOLLATH









23 DE DEZEMBRO DE 1902

TERÇA-FEIRA



CAPÍTULO 1

UMA CHEGADA INTRIGANTE

A nova casa da minha irmã chamava-se Parque das Corujas, uma mansão rodeada de jardins e bosques que, possivelmente, estavam cheios de corujas. Entre as bonitas árvores antigas, havia um coreto, um labirinto e um lago, onde nadavam cisnes durante os meses de verão. O novo marido da Marjorie era extremamente simpático, apesar de ser um lorde. O James era o tipo de pessoa que gostava de receber muitas crianças no Natal. Não era o tipo de pessoa que convidasse um assassino de propósito.

O casamento da Marjorie e do James tinha sido celebrado no Parque das Corujas em setembro deste ano,

mas esta era a minha primeira visita a sério, e também a da Vó Jane. Apesar de ser bastante idosa — mais de sessenta e seis anos —, a Vó Jane ofereceu-se amavelmente para ir de costas na carruagem desde a estação de comboios, deixando que eu e o Hector tivéssemos uma janela cada um. Ela sabia que gostávamos de investigar o mundo, desde que vira a nossa grande esperteza a resolver um mistério, umas semanas antes. E tinha passado a gostar do Hector quase tanto quanto eu, já que ele vinha tomar chá quase todos os dias, depois das aulas, fazendo-nos rir e exibindo as suas boas maneiras impecáveis. Os nossos chás também eram mais saborosos do que os que ele tinha como hóspede na casa paroquial.

A neve começou a cair levemente, quando a nossa carruagem estava a subir o caminho da entrada, e os flocos flutuantes faziam as chaminés de pedra e as grandes janelas parecerem saídas de um postal.

— Será que o gelo do lago está suficientemente espesso para patinar? — perguntei.

O Hector pestanejou, alarmado.

— Espero que não — disse ele.

— *Tu* não tens de patinar — assegurei-lhe. — Mas alguns de nós talvez queiram tentar, se o lago colaborar. Não tens de fazer nada que não queiras durante esta semana toda!

Exceto uma coisa terrível que eu não disse em voz alta. Eu e o Hector íamos passar o Natal sem mãe ou pai ao nosso

lado. Os pais do Hector e a irmã mais nova, a Genevie, tinham ficado longe, na Bélgica, por causa do trabalho do pai dele. A minha mãe estava em casa, em Torquay, arrasada pela tristeza, porque o meu pai, o meu adorado pai, falecera há quase um ano. Ela só terminaria o luto completo em janeiro, mas não era considerado correto que uma viúva viajasse ou participasse em festividades até que o período de tempo apropriado tivesse passado.

O Hector olhava muito sério pela janela, a rabiscar distraidamente com o dedo na condensação do vidro. Estaria a sentir-se sozinho? Estaria nervoso por ir ficar numa casa chique, onde todos seriam estranhos, exceto eu e a Vó Jane? Eu teria a minha irmã e o James, mas o Hector só me teria a mim.

— A Lucy também vai estar cá — referi eu. — Ainda não tem onze anos, mas é muito alegre e nada tímida.

A mãe da Lucy era a irmã do marido da minha irmã. Eu tinha quase a certeza de que isso, de certo modo, nos tornava primas. No dia em que a Marjorie casou com o James, em setembro, eu e a Lucy fomos as meninas das flores, vestidas de igual com vestidos de musselina branca e umas faixas largas de cetim azul. A Marjorie tinha-me escrito a dizer que a Lucy estava ansiosa por me reencontrar.

A nossa carruagem deu a volta e parou em frente ao arco com colunas que era a entrada do Parque das Corujas.

— Ora, ora — disse a Vó Jane. — Uma receção real.

Os criados estavam alinhados formalmente à entrada, todos de frente para o caminho, como guardas do Palácio de Buckingham. A Marjorie e o James esperavam nas escadas, ao lado da fila de uniformes escuros e aventais brancos.

A Marjorie começou a acenar com as duas mãos. Abriu a janela e acenei-lhe também freneticamente.

A Vó Jane deu um estalinho com a língua e rallhou baixinho.

— A tua irmã está a portar-se como uma criança. Não me admira que a mãe do James esteja a tentar ajustar o seu comportamento.

Tínhamos recebido cartas cheias de lamentos sobre os esforços da Marjorie para se tornar numa verdadeira senhora da mansão e sobre como, normalmente, não atingia os altos padrões da sua sogra.

— É só porque eu tenho muitas saudades dela! — respondi. — Não a vemos há quase dois meses, desde o assassinato da Senhora Eversham. Acho que ela, normalmente, se porta como uma dama. — Mexi na maçaneta da porta assim que a carruagem parou. A Vó pôs-me uma mão no braço.

— Não desças a correr, Agatha. Deixa o empregado ajudar. Para bem da Marjorie, deves mostrar que tiveste um mínimo de educação...

Um homem de uniforme escuro, com a ponta do nariz vermelha do frio, abriu-me a porta por fora. Fiz-lhe um

sorriso, apoiei-me no seu ombro como uma vara de salto e saltei para o chão para cair nos braços da minha irmã. O James estava logo atrás dela e juntou-se ao abraço.

A Vó Jane desceu, com mais elegância do que eu, e depois o Hector saltou para o chão e foi recebido pela Marjorie e apresentado ao James. Todas as pessoas de quem eu mais gostava no mundo — exceto a Mamã e o meu cão *Tony* — estavam ali, num círculo.

— Entrem, entrem, vamos tirar-vos do frio — disse o James, oferecendo um braço à Vó e outro a mim. — A mãe está à vossa espera.

— Terão os empregados de morrer de frio por nossa causa? — perguntou a Vó Jane.

— Não se preocupe com os empregados, Senhora Morton — respondeu o James. — Eles vêm de uma linhagem resistente.

Linhagem trémula e de lábios roxos, pensei. Tão gelados como pinguins perdidos num icebergue. Tão gelados como exploradores em busca do Polo Norte. Tão gelados como cachorrinhos presos num banco de neve.

— Eu sei que parece bárbaro — afirmou a Marjorie —, mas é assim que se faz há séculos, para honrar as visitas. Temo que venham a descobrir que estamos sempre a esbarrar na tradição, aqui no Parque das Corujas.

Um homem magro, com um elegante casaco preto, e que olhava para algures acima das nossas cabeças, mantinha aberta a porta da mansão.

— Obrigado, Pressman. — O James conduziu a Vó para dentro, e a Marjorie pôs-me um braço em volta dos ombros.

— Por favor, finge que és doce e obediente com a mãe do James, se puderes — sussurrou-me apressadamente. — Para evitar as suas repreensões ríspidas.

Eu mal a ouvi, pois tínhamos chegado ao Átrio Principal e parado em frente a uma enorme lareira crepitante, para ver como o Natal já tinha chegado ao Parque das Corujas. No meio do átrio, havia um teixo, com os ramos enfeitados com laços de papel dourado brilhante e cornucópias de papel cheias de nozes e doces. Velas presas a cada ramo ardiam como estrelas contra a folhagem verde-escura.

A Lady Greyson Viúva esperava ao lado da árvore, com um xaile de caxemira azul-índigo, bem apertado em volta dos ombros estreitos. Parecia quase tão velha quanto a Vó Jane e tinha o nariz comprido e a boca apertada em botão.

Eu tinha praticado a minha vénia durante toda a semana e ficara satisfeita com os bons resultados. Mas, em vez de uma saudação educada, dei por mim a balbuciar, escrutinada por um olhar severo. Já o Hector fez a sua vénia impecável, e o rosto da Lady Greyson iluminou-se como se tivesse visto uma borboleta a abrir as asas. A Lucy saltitava ao lado da avó, tentando encontrar o meu olhar e rindo-se.

— Para com isso, Lucy! — disse a Lady Greyson, e depois dirigiu-se à Vó Jane. — Sobe escadas? — Tinha o sotaque mais imperioso que eu já ouvira. Era como

estar à frente da Rainha. Só que a Rainha Vitória já tinha morrido, e agora era o seu filho Eduardo que reinava.

— Sem dúvida, mas devagar — replicou a Vó Jane.

— Segundo sei, veio sem a sua dama de companhia — notou a Lady Greyson. — Parece que teremos de lhe dispensar uma. — Começou a subir os degraus, e a Marjorie aproximou-se rapidamente para sussurrar algo.

— Desculpa, Vó — lamentou-se. — Ela é muito complicada. Mas se alguém lhe pode fazer frente, és tu.

— Não sou eu quem tem de o fazer. — A Vó Jane pegou nas saias para subir o que pareciam ser duzentos degraus de mármore. — Mas esse é um assunto para conversarmos mais tarde.

— Eu subo contigo — declarou a Marjorie. — Lucy, tomas conta da Aggie e do Hector, não é? Talvez uma visita guiada ao rés do chão? Ainda há tempo antes do toque para vestir. Despachem-se quando o ouvirem e visitam a vossa melhor roupa. Não devem atrasar-se.

Resmunguei. Vestir-me para o jantar era um dos aspectos das férias que eu mais temia. A Mamã tinha feito um alarido enorme sobre eu ter vestidos adequados e as respetivas Boas Maneiras a acompanhá-los.

A Marjorie deu-me um empurrãozinho.

— Considera-te com sorte por a mãe do James ter concordado que vocês podiam estar hoje à mesa com os adultos e não na ala das crianças a comer pãozinhos e leite quente.

— Estaremos prontas, Tia Marjorie — retorquiu a Lucy. — É *divertido* vestirmo-nos para o jantar. A Avozinha disse que eu posso usar o seu colar de pérolas. Ela diz que eu tenho um pescoço lindo. — Levantou o queixo e atirou as tranças para trás dos ombros para podermos apreciar a sua beleza.

— Tal qual um cisne, Lucy — elogiou a Marjorie. — Temos mais visitas a chegar a qualquer minuto, portanto, já volto. O Senhor Lakshay Sivam é um bom amigo do James, da universidade. E eu, por acaso, conhecia a sua esposa na escola. Nada de brincadeiras, por favor. Eles chegarão cansados da viagem.

A Lucy sorriu, radiante como o sol.

— Nada de brincadeiras antes do jantar, prometemos, Tia Marjorie.

A Marjorie lançou-lhe um olhar severo fingido e correu atrás da Vó.

A Lucy não parou para me apertar a mão ou ser educada, com um «Olá, como estás?». Muito mais amigável do que eu estava à espera, depois de apenas um dia de convivência como meninas das flores, abraçou-me com força até eu soltar um grasnido. Finalmente, deixou-me respirar para que eu pudesse dizer: «Olá, este é o Hector.» Ele fez a sua pequena vénia belga e disse: *Enchanté*. A Lucy ficou a olhá-lo fixamente. Ele vestia um elegante casaco novo, que tenho a certeza de que a esposa do vigário foi comprar antes desta visita, não querendo que

ninguém a acusasse de negligenciar o rapazinho sob os seus cuidados.

— A Tia Marjorie disse que eras estrangeiro — comentou a Lucy. — Eu não sabia se isso significava que eras escuro ou peculiar.

— Se essas são as únicas alternativas — respondeu o Hector —, é lógico deduzir que sou peculiar.

A Lucy bateu palmas.

— Sim! Vamos todos ser peculiares, boa? O amigo estrangeiro do Tio James nasceu em Ceilão. Acabou de regressar de navio de uma viagem que fez lá, mas, na verdade, ele e a esposa moram em Hampstead, como pessoas normais. Será que este Natal vai ser diferente de todos os outros?

O Hector levantou uma sobrancelha e eu tentei fazer o mesmo, mas era um truque que eu ainda não dominava. Seria de facto um Natal como nenhum outro.

— Vamos dormir na suíte da ala das crianças — informou a Lucy. — Mesmo no último andar. Não é tão infantil quanto parece, porque, felizmente, estou cá sem a minha ama. Há um novo bebé em minha casa. Chama-se Robert Phillip Charles Chatsworth. Vou chamar-lhe Robin. Ou talvez Bobbo. A minha mãe ficou doente depois de o bebé ter chegado, embora ela quisesse muito vir ao Parque das Corujas para o Natal. Mas deixou-me vir, porque não tem muita energia e diz que eu gasto a maior parte da que ela tem. A minha ama ficou lá em casa para ajudar com o bebé. Muito provavelmente, nunca mais

será *minha* ama! Estou *livre*! Completamente livre! — A Lucy rodou num círculo e agitou os braços como uma garça gigante a tentar levantar voo.

— A minha dama de companhia também não veio — respondi, sem imitar uma garça. — A Charlotte foi visitar a sua mãe, em Scunthorpe. — Imaginei o Natal delas saudável e educativo, a organizarem frascos de especiarias por ordem alfabética ou a traduzirem canções de Natal do alemão original.

— Não devemos ir buscar as malas? — perguntou o Hector.

— Não sejas tolo. — A Lucy acenou com a mão. — Os empregados tomam conta disso. Esta casa está cheia de empregados, e a Avozinha contratou ainda mais para esta época. Fá-lo sempre.

Eu e o Hector trocámos outro olhar. Na casa paroquial, só havia uma cozinheira e uma empregada para os trabalhos mais pesados, como acender as lareiras, lavar roupa e coisas desse género. Em Groveland, a minha casa, era a mesma coisa. Quando o Papá morreu, descobrimos que não tínhamos dinheiro suficiente e tivemos de mandar embora todos os empregados, exceto a Sra. Corner, que continuava a cozinhar para nós, e a Sally, que fazia tudo o resto. Tínhamos tido um jardineiro, que também já não existia.

A Lucy ficou a olhar para a saia da Vó Jane a desapa-recer na curva da escada, acima de nós. — As senhoras idosas são tão lentas a subir escadas! — Depois, virou-se

para nós com os olhos a brilhar. — Agora! — exclamou.
— Contem-me todos os pormenores do assassinato.

Uma imagem do cadáver debaixo do piano passou-me pela mente, como acontecia com frequência desde que eu tinha encontrado a Sra. Eversham. Não podia criticar a Lucy pela curiosidade. Sendo eu uma pessoa com aquilo a que a minha mãe chamava Preocupação Mórbida, teria ficado ávida de ouvir a história, se não tivesse passado por ela. Mas, ainda assim, pareceu-me um pouco arriscado para uma conversa inicial.

— Talvez — começou o Hector, suavemente — essa história possa esperar até termos um tempo só para nós.

— Se tu o dizes. — A Lucy não pareceu nada ofendida. — Mais tarde, na ala das crianças, sentamo-nos à lareira e vocês contam-me toda essa história macabra para me deixarem os cabelos em pé!

Nesse momento, ouviu-se o barulho de uma máquina vindo algures do exterior. O James e a Marjorie apareceram no átrio, supondo que fossem os seus amigos, o casal Sivam. Todos nos apressámos a sair para ver quem poderia estar a chegar.

Os empregados despacharam-se atrás de nós e retomaram a sua formação de receção.

— Oh — suspirou o Hector.

— Uma carruagem sem cavalos! — gritou a Lucy.

A máquina subiu o caminho até à entrada com o motor a zumbir como um inseto enorme, rodas amarelas

reluzentes e os passageiros envoltos em peles. O motorista parecia ter dificuldade com a condução, ou talvez os pneus de borracha não tivessem boa aderência à superfície gelada da estrada. O veículo derrapou ao parar, fazendo com que a fila de empregados recuasse como um bando de galinhas assustadas.

— É um modelo elétrico — mencionou o Hector. — Muito popular para conduzir na cidade e não precisa de manivela para ligar o motor.

— Vamos ver lá de dentro — disse a Lucy. — Aqui fora está muito frio.

Em menos de um minuto, estávamos sentados num banco junto à janela da sala do pequeno-almoço, aconchegados em almofadas de damasco, em vez de estarmos a tremer na soleira da porta como os empregados gelados.

Um dos empregados puxava inutilmente a maçaneta da porta, do lado da Sra. Sivam. O marido apressou-se a dar a volta, vindo do lado do condutor, para mostrar como se fazia. Ajudou a esposa a descer. Ambos usavam casacos de pele quase até aos tornozelos, e um tapete de pele de urso estava estendido sobre o encosto do banco.

— O veículo é totalmente exposto ao vento e à neve! — observou o Hector, estremecendo. — Têm de se vestir como ursos para sobreviver à viagem.

— E eles estiveram de visita aos trópicos! — comentei eu. — A Inglaterra deve parecer-lhes o Ártico.

— Ele tem um excelente bigode! — notou o Hector.

— Ela parece a Rainha da Neve — respondi. — O seu cabelo é como... — *Fios de ouro? Uma nuvem no céu da auro-ra? Suspiros de limão?*

O James apresentou a Marjorie ao seu velho amigo, e a Marjorie apresentou a sua colega de escola ao James. Pareciam todos muito alegres. A Marjorie e a Sra. Sivam, de braço dado, pararam para cumprimentar a Sra. Frost, a governanta, e o Sr. Pressman, o mordomo.

— Os Sivams também não trouxeram os seus empregados — reparou a Lucy —, por andarem em viagem. Também precisam de os pedir emprestados.

— Há um problema com o automóvel — apontou o Hector. O Sr. Pressman e os outros empregados abanavam a cabeça em resposta a uma pergunta do James.

— Imagino que seja só porque nenhum dos empregados sabe conduzir — disse eu. — O dono terá de o ir estacionar ele mesmo.

O Sr. Sivam retirou uma caixa de madeira trabalhada do banco da frente e entregou-a cuidadosamente ao James. Entrou no carro, fez uma elegante marcha-atrás e depois desapareceu da nossa vista, contornando a mansão. O James atravessou um monte de neve fofa, segurando a caixa do Sr. Sivam com as duas mãos.

— O que acham que tem aquela caixa? — perguntei.

— Vamos descobrir! — A Lucy saltou do parapeito da janela, e nós fizemos o mesmo.

Quando entrámos no Átrio Principal, a minha irmã estava a subir as escadas com a Sra. Sivam. A Lucy correu até junto do James antes que ele desaparecesse. Ele mostrou-lhe a caixa, mas manteve-a fora do alcance dos seus dedinhos curiosos.

— Ela tem muita iniciativa — murmurei.

— De facto — assentiu o Hector.

— Vais ficar na suíte Julieta — declarou a voz da Marjorie no patamar de cima, explicando-se à Sra. Sivam.
— Vocês têm quartos que comunicam, com uma pequena varanda com vista para o jardim de inverno.

A Lucy voltou a correr para junto de nós. O James dirigiu-se para o seu escritório, com a caixa debaixo do braço.

— O Tio James diz que, se tivermos sorte, o Senhor Sivam há de nos contar a assustadora lenda da família sobre o conteúdo daquela caixa... Algo tão precioso que esteve escondido no cofre de um banco durante muitos anos. E agora... está aqui, no Parque das Corujas!



CAPÍTULO 2

UM DESVIO NAS BOAS MANEIRAS

Uma lenda familiar assustadora? Algo precioso guardado num cofre durante dezoito anos?

Mas a Lucy não era de ficar parada ou pensativa. Puxou-nos logo para uma visita guiada à casa.

— Vamos começar pelos melhores sítios — anunciou —, porque não vamos ter tempo de ver tudo agora. Eu conheço tudo, porque já estive aqui centenas de vezes, a visitar a Avozinha.

Senti uma súbita onda de gratidão por a Lady Greyson Viúva não ser *minha* avó. Tão rígida e repressiva! A Vó Jane era quase perfeita, sempre atenta às

outras pessoas e frequentemente disposta a responder a perguntas.

A Lucy conduziu-nos rapidamente por um corredor pintado de verde-floresta, preenchido com retratos de muitos antepassados com rostos bolachudos.

— Podem olhar para eles mais tarde — disse. — Estão aqui há cem anos e provavelmente ficarão por mais cem. Esta porta é da casa de banho, caso precisem de saber onde é. Veem? — Abriu a porta para nos mostrar um lavatório e uma sanita, numa divisão pintada da cor de um pôr do sol. — A Avozinha morria se soubesse que eu vos mostrei uma sanita.

Explicou-nos que algumas das divisões tinham sido modernizadas com instalações elétricas, mas outras ainda eram iluminadas com candeeiros de petróleo. O James era totalmente a favor da modernização, mas a Avozinha... nem por isso.

— Isto — a Lucy bateu num conjunto de portas duplas, mas não parou — é a sala de estar. Amanhã, podem ver as divisões normais. A sala de estar, a sala de música, a Sala Avon, o jardim de inverno, essas todas e mais trinta. — Demos mais alguns passos. — Isto — bateu com a mão numa porta alta e estreita que começava à altura da cintura — é o dispensador de madeira da sala de estar. — Estava pintado do mesmo verde-escuro da parede e apenas um pequeno puxador o tornava visível.

— O que é um dispensador de madeira? — perguntou o Hector.

A Lucy parou de caminhar e abriu a porta estreita para nos mostrar fileiras de lenha cuidadosamente empilhada.

— Os empregados enchem o dispensador com lenha a partir daqui do corredor — explicou — para não incomodar a família e os convidados. Há uma porta do outro lado, junto à lareira, para que o Tio James, ou quem quer que seja, possa pôr mais lenha na lareira, quando é preciso. Não têm disto de onde vocês vêm?

— Não em nenhuma casa que eu conheça — replicou o Hector —, mas é muito engenhoso.

— Vamos à cozinha — indicou a Lucy — ver se conseguimos desviar uns biscoitos. Por aqui!

A Lucy saiu disparada à nossa frente, virando uma esquina e continuando a tagarelar até que deixámos de ouvir o que ela dizia.

Olhei para o Hector.

— Ela é bastante enérgica, não é? — sussurrei.

Ele levantou uma sobrancelha e depois a outra, fazendo-me rir.

— Só tem dez anos — notei.

— E eu fico contente — disse ele — de pensar em biscoitos.

A cabeça da Lucy reapareceu na esquina.

— Vocês vêm?

Sim, nós íamos.



— Aqui — anunciou a Lucy — é a cozinha! — Abriu a porta de feltro que separava a Casa Principal (a zona de cima) dos domínios dos empregados (a zona de baixo), embora, na verdade, só houvesse ali quatro degraus. A cozinha ficava no rés do chão e não na cave, como é habitual em casas da cidade. A divisão em que entrámos era a cozinha propriamente dita, com uma grande lareira, fornos, pias e bancadas. Passar do corredor tranquilo para aquele mundo agitado ali dentro era como chegar a uma festa da aldeia. Raparigas de touca e avental picavam legumes e mexiam a sopa; um empregado dava brilho aos talheres; outro, muito loiro, entrou a assobiar, vindo do pátio, com um bloco de gelo embrulhado numa toalha; um rapazinho um pouco mais novo, e sem dúvida mais magro do que nós, estava sentado num banquinho perto da lareira e puxava lustro à ponta da bota de um homem. A cozinheira, a Sra. Hornby, tinha uma fila de aves mortas e depenadas em cima da mesa à sua frente, enquanto uma ajudante de cozinha depenava freneticamente uma outra.

A sala dos empregados, onde faziam as suas refeições, era uma outra divisão ao lado da cozinha, com janelas ao longo da parede divisória, pelo que qualquer pessoa sentada à mesa nessa sala podia ver o que se passava na cozinha.

— Ali fica a despensa — referiu a Lucy —, onde alguma comida é guardada. E ali fica a copa do mordomo... — Ela apontou. — Onde o Senhor Pressman tem o seu gabinete e onde guarda coisas em que ninguém pode tocar. A arrecadação fica ali, o forno do pão fica no pátio, e também o gelo, a lenha e o carvão. A sala de estar da Senhora Frost é aquela. Ela e o Senhor Pressman são os chefes dos empregados, como o rei e a rainha da zona de baixo.

— Bom, eu sou a rainha da cozinha — mencionou a cozinheira — e tenho a dizer-vos que ninguém é bem-vindo para andar aqui a olhar. Estamos a preparar o vosso jantar e agradecemos que vão andando.

— A senhora tem biscoitos, *querida* Senhora Hornby? — perguntou a Lucy.

— Há moscas espalmadas no pote, Menina Lucy — respondeu a Sra. Hornby. — E não há mais nada antes do jantar. Agora, deixem-me sossegada.

— É melhor do que nada, suponho. — A Lucy fez beicinho, mas eu percebi que era a fingir. Estendeu as mãos ansiosas para o pote de porcelana com os biscoitos.

— Moscas espalmadas? — murmurou o Hector, com uma expressão enojada. — Uma especialidade inglesa?

— Uma iguaria — sussurrei. — Muito mais difíceis de apanhar do que formigas.

A Lucy tirou a tampa e ofereceu o frasco aberto ao Hector. Ele acenou com a mão, dizendo educadamente *Non, merci*, e eu e a Lucy desatámos a rir.

— Elas estão a enganar-te — gritou o rapazinho engraxador. — Não há moscas verdadeiras aí dentro, só groselhas. Vá! Experimenta uma!

O Hector mordiscou corajosamente um bocadinho. Depois, fez uma vénia à Sra. Hornby.

— A minha primeira mosca espalmada! — anunciou. — Uma ocasião a recordar.

Um relógio tocou o quarto de hora em notas agudas. A cozinheira tirou um lenço do bolso do avental para limpar o suor do rosto.

— Está quase na hora do toque para vestir — disse.

A Lucy puxou-me em direção às escadas. O Hector deu-me a mão e saímos a correr pela porta de feltro verde, por um corredor e depois por outro, até que a Lucy nos levou para uma divisão pouco iluminada. As janelas altas estavam cobertas com graciosas faixas de seda lilás que pareciam refletir a neve lá de fora.

— Esta é a sala da manhã — indicou a Lucy. — A lazeira não está acesa, porque ainda não é manhã. Só a Tia Marjorie é que vem para aqui, para escrever as suas cartas ou dar ordens aos empregados. A Avozinha escreve as cartas no quarto, agora que está tão velhinha. Esta sala é muito bonita, quando o sol está a brilhar.

— Então, voltamos de manhã — disse eu, arrepiada.

— Esperem! — exclamou a Lucy. Baixou a voz para um sussurro dramático. — É *aqui* que começa a verdadeira visita guiada.

Atravessou o tapete apressadamente até junto de um armário trabalhado, encostado à parede. Nas prateleiras de cima, atrás de uma porta de vidro aos quadrados, havia uma coleção de bules de chá. Nenhum era do tipo comum que se encontra numa cozinha. Estes tinham a forma de gatos e templos, cabeças de elfos e colmeias. Um par de elefantes, com trombas levantadas que serviam de bicos. Os esmaltes eram vermelho-japonês, dourado brilhante, verde-antigo e azul-cobalto.

— São lindos — comentei eu. — Podemos voltar quando houver luz e calor? Para os ver como deve ser?

— Não estamos aqui por causa desses bules velhos e desinteressantes — retrucou a Lucy. Com um gesto teatral, rodou a maçaneta de uma das gavetas de baixo.

Todo o armário pareceu suspirar de repente. Afastou-se da parede, transformado numa porta grossa e enorme, tão silenciosa e suavemente, que os bules de chá nem tremeram.

— Oooh!

Uma passagem secreta!

Ficámos de boca aberta diante da entrada de um túnel, tão escuro e pouco convidativo como uma mina de carvão. *Como a garganta de um ogre. Como a entrada de uma caverna que prometia uma colónia de morcegos...*

— Podemos entrar? — perguntou o Hector.

— É para isso que estamos aqui! — A Lucy sorriu como se tivesse sido ela própria a construir tudo. — Há uma

lanterna... mesmo... aqui. — Tirou-a de uma saliência e carregou num botão de lado. — A pilha está bastante fraca, mas vai levar-nos até lá e trazer-nos de volta.

— Onde é *lá*? — inquiriu o Hector. — Se é que posso perguntar?

— Sigam-me — respondeu a Lucy. — É estreito, mas não têm de se baixar. Até o Tio James consegue ficar quase direito. Foi ele que me mostrou isto, quando fiz dez anos. O Tio James diz que, agora que o seu pai morreu, ninguém mais sabe disto, nem mesmo a Avozinha. Nem mesmo a minha mãe, porque era só para meninos. — Fez um ar preocupado. — Espero que ele não se arrependa de me ter mostrado, agora que tenho um irmãozinho.

— Vais ser tu a mostrar ao Robert — garanti-lhe.

— Mas só daqui a dez anos — assegurou a Lucy.

Entrou animadamente na passagem, com o feixe de luz da lanterna a tremeluzir como o voo de um pirilampo. Eu segui-a, à espera de sentir teias de aranha no rosto. O Hector veio atrás de mim, e avançávamos os dois lentamente na penumbra.

— Fechas o armário, por favor, Hector? — pediu a Lucy. — Não podemos deixar que uma empregada entre e descubra isto!

— Ai, Lucy! — queixei-me. — Estás a apontar-me para os olhos.

— Desculpa! — A luz desviou-se para baixo.

O Hector passou a mão pelo rebordo da porta, tateando em busca de algo para a puxar sem entalar os dedos.

— Está mais alto do que parece — avisou a Lucy. — Tem a forma da pega de uma mala.

— Já encontrei. — Fomos mergulhados na escuridão com um baque. O fraco feixe de luz da lanterna da Lucy formou um círculo do tamanho de uma laranja no chão.

— Não se preocupem se a luz se apagar — declarou a Lucy. — Eu sei o caminho. Ponham uma mão na parede e fiquem perto de mim. Não é longe, mas temos de ser *muito* silenciosos. Se os conseguimos ouvir, então sabemos que eles também nos conseguem ouvir.

— Eles? — perguntei.

— Já vão ver — respondeu ela. — Agora, *chui* e sigam-me.

Avançámos devagar. Apetecia-me agarrar numa das suas tranças para me guiar. Em vez disso, criei uma história na minha cabeça, que nos tornava tão corajosos quanto possível.

Só o sarcófago, há muito perdido, de um faraó egípcio, cravejado de joias e reluzente de ouro, podia fazer com que esta destemida aventura valesse o risco. Um ruído mais à frente fez estremecer o pequeno e corajoso grupo de exploradores. O que podia estar a movimentar-se num lugar como aquele? Uma colónia de morcegos famintos? Ou talvez fantasmas? As almas penadas de viajantes que tinham estado ali antes, perdidos e mortos de fome no perigoso labirinto subterrâneo...

— Vou apagar a luz — sussurrou a Lucy — para poupar o pouco que ainda tem.

Clic. Pestanejei várias vezes, mas não consegui ver nada. Estendi um dedo para tocar nos folhos do vestido da Lucy, à minha frente. A sua voz surgiu oca da escuridão.

— Há uma curva já aqui e depois... *ufff*... cuidado, vira aqui à direita.

Tínhamos ultrapassado a curva apertada, quando a Lucy parou outra vez e sussurrou:

— Esta passagem de espião tem olhos mágicos para duas salas diferentes. Vamos parar nos primeiros, onde fica o escritório, porque os homens estão sempre lá antes do toque para vestir. Silêncio total, de acordo?

Eu não devia ter-me surpreendido com a palavra *espião*. O propósito de uma passagem é levar uma pessoa a algum lado. E o propósito de uma passagem *secreta* é que ninguém saiba que nós estamos lá. A Lucy espremeu-se para o lado para me deixar ver primeiro. Alinhou a minha cara com uma fresta estreita de onde eu tinha uma visão bastante boa de uma parte do escritório do James.

O James estava atrás da sua secretária, a rir, enquanto despejava um líquido âmbar de um decantador em três copos pousados numa bandeja. Eu estava tão perto, que conseguia ouvir o gelo a tilintar dentro dos copos. Não admira que a Lucy nos tivesse avisado para fazermos silêncio! O James entregou uma bebida ao Sr. Sivam, que estava sentado em frente à secretária, numa cadeira alta.

O Sr. Sivam passou a bebida ao outro homem, que estava de costas para mim, e depois aceitou um copo para si. Percebi que o outro homem era velho, porque o pouco cabelo que tinha era grisalho e espetado, espreitando em volta das orelhas caídas.

— Um brinde! — O James ergueu o copo. — Aos novos e aos velhos amigos.

— À renovada honra da família — acrescentou o Sr. Sivam, erguendo o seu copo em resposta.

— Isso mesmo! — ajuntou o outro homem, dando um gole na sua bebida.

— O Doutor Musselman — murmurou-me a Lucy ao ouvido. — O médico da Avozinha. Um chato!

— O que dizias, Lakshay? — perguntou o James. — As tuas intenções em relação... — Bateu com a mão na caixa trabalhada, pousada ao lado do balde de gelo, na sua secretária.

O Sr. Sivam suspirou.

— Eu e a minha esposa discordamos sobre isto, mas eu sinto-me na obrigação... de corrigir um erro histórico, suponho, devolvendo o tesouro ao seu lar original.

A Lucy deu-me um toque.

— *Tesouro!* — sussurrou. — Dá a vez ao Hector.

Troquei de lugar com relutância. Felizmente, as vozes continuavam a ouvir-se, mesmo sem se estar a olhar. Encostei o ouvido à parede, sem querer perder uma única palavra.

— A *honra* é uma questão pessoal — afirmou o James.
— Cada um de nós sabe o que lhe parece certo, mas pode ser difícil mantê-la quando os outros nos consideram errados.

— Isso mesmo — concordou o médico. — São travadas guerras inteiras para vingar a honra. Eu podia contar-vos histórias que vos fariam gelar o sangue.

— Talvez não agora, Doutor Musselman — pediu o James, rapidamente. — Gostarias de guardar o teu tesouro em segurança no meu cofre, Lakshay?

— Um cofre é o primeiro lugar onde um ladrão procura — murmurou o Dr. Musselman.

— Agradeço a vossa compreensão, meus caros — disse o Sr. Sivam. — A ideia de uma maldição é absurda, mas sinto-me compelido a devolver o que não me pertence. Até lá, vou mantê-lo sempre perto de mim e protegê-lo-ei com a minha própria vida!

— Isso mesmo! — declarou o médico.

Um *bong* repentino e estrondoso fez-nos saltar como coelhos depois de um tiro. Tapámos a boca com as mãos para abafar o riso e corremos de volta pelo corredor escuro.

— Era o toque para vestir! — gritou a Lucy, assim que saímos. — Temos trinta minutos, e metade deles vamos gastá-los a subir as escadas! — Fechou o armário para ocultar a passagem secreta e correu para a porta.

— Vamos! — gritou ela, e desapareceu.

- Esta visita inglesa não é calma — notou o Hector.
- Há muita atividade.
- E mistério! — exclamei.
- Ele refere uma maldição? — O Hector engrossou dramaticamente a voz ao imitar o Sr. Sivam. — *Protegê-lo-ei...*
- *Com a minha própria vida!* — completei.
- O que pode estar ele a esconder? — perguntou o Hector.
- *Palavra de honra* que temos de descobrir — respondi.
- Mas primeiro temos de nos vestir para o jantar.

COLEÇÃO MISTÉRIO JUVENIL

Inspirada na vida real da jovem Agatha Christie, a série «Aggie Morton – A Rainha do Mistério» acompanha as aventuras bem-humoradas de dois amigos, Aggie Morton e Hector Perot, que adoram deparar com mistérios cheios de suspense e reviravoltas, pistas muito bem escondidas e falsos acusados!



O Natal aproxima-se, e Aggie Morton está ansiosa por, finalmente, ir passar alguns dias no Parque das Corujas, a mansão onde vive a sua irmã Marjorie, agora casada com o Lorde Greyson. Ela viaja com o amigo Hector Perot e com a Vó Jane. Vão encontrar uma casa cheia de convidados, incluindo uma companhia de atores e visitantes vindos de Ceilão, que trazem consigo uma famosa esmeralda que suspeitam estar «amaldiçoada». Na manhã de Natal, em vez de encontrarem presentes, a Aggie e o Hector descobrem o corpo de um dos atores e percebem que a valiosa esmeralda desapareceu.

**Conseguirão os dois amigos desvendar
mais um inquietante mistério?**

**Livros imperdíveis para jovens leitores
que adoram suspense.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

www.penguinlivros.pt

  penguinkidspt

ISBN: 978-989-596-336-2



9 789895 963362